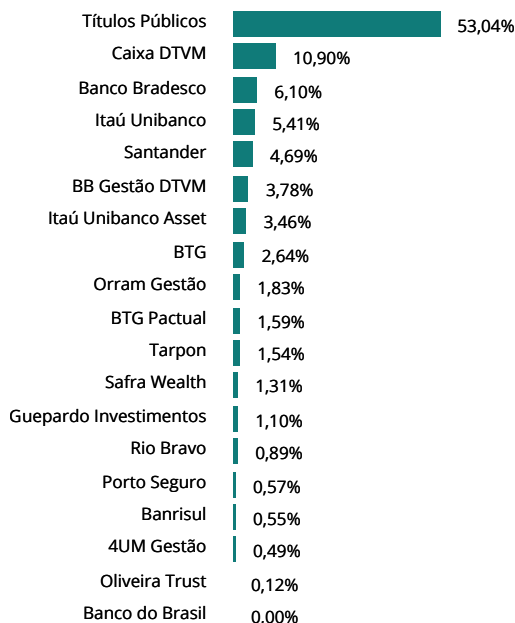


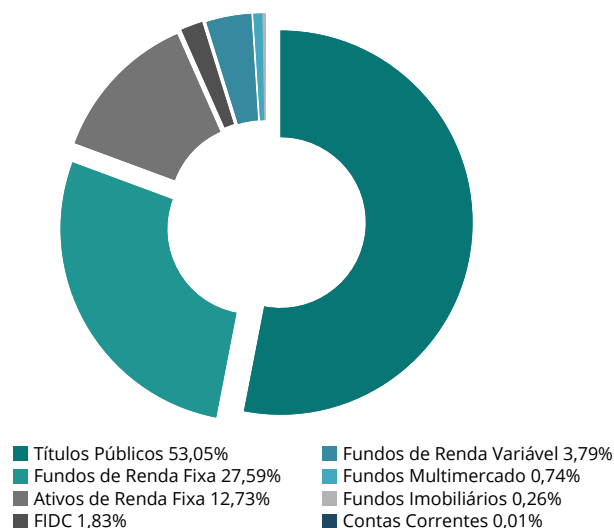
IMPRES

Os recursos do IMPRES são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA



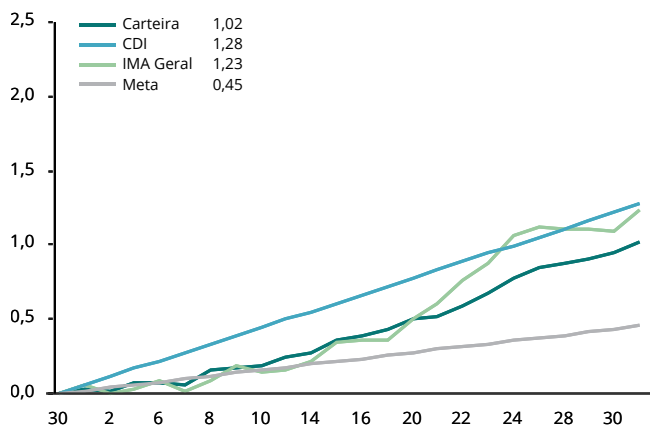
DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO



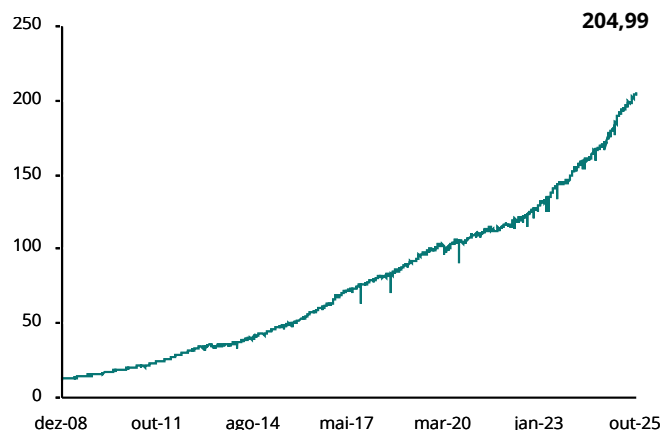
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
IMPRES	1,02%	10,14%	11,29%
META ATUARIAL - INPC + 5,21% A.A.	0,45%	8,13%	9,90%
CDI	1,28%	11,76%	13,69%
IMA GERAL	1,23%	12,33%	12,02%
IBOVESPA	2,26%	24,32%	15,29%

RENTABILIDADE ACUMULADA NO MÊS (EM %)



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R\$ MILHÕES)



IMPRES

A situação econômica dos Estados Unidos continuou como um fator de ameaça para os ativos de risco em outubro. As incertezas envolvendo a ausência de divulgação de dados econômicos em razão da paralisação do governo e a divergência do comitê que decide a direção da política monetária geraram volatilidade durante o mês. No Brasil, o cenário evoluiu de forma benigna, refletindo a dinâmica favorável do movimento inflacionário e das suas expectativas para os próximos anos.

Com a falta de dados oficiais dos Estados Unidos, o mercado de investimento tentou extrair informações da economia a partir de indicadores secundários. Os dados alternativos indicaram a continuidade do processo de enfraquecimento gradual do mercado de trabalho e um comportamento mais favorável da inflação, que foi impulsionado pela menor variação do grupo de Habitação, devido ao preço do aluguel. Além disso, os efeitos tarifários sobre os preços seguiram mais limitados do que se esperava.

Os sinais sugerem ser pouco provável um cenário de recessão ou mesmo uma forte desaceleração na economia americana. Apesar da menor geração de empregos, há resiliência no consumo das famílias e aceleração do investimento, visto as condições monetárias mais expansionistas, que tendem a estimular a demanda nos próximos meses.

Contudo, o cenário observado pelo Federal Reserve indica ainda desafios para equilibrar o estímulo à atividade com a necessidade de convergência da inflação. Apesar da redução de juros da última decisão, o comunicado da autoridade monetária trouxe uma divergência significativa dos membros que decidem os juros. Assim, não está claro qual será a decisão na última reunião do Federal Reserve, havendo uma considerável dependência da evolução dos dados, que seguem indisponíveis em razão da paralisação do governo.

Na Europa, o ambiente econômico segue desafiador, ainda que sinais de estabilização forneçam algum alívio ao bloco. O setor de serviços mostra fôlego em países como a Alemanha, enquanto a França permanece fragilizada pela instabilidade política. A indústria avança lentamente, com emprego crescendo e custos moderando. A inflação, embora mais próxima da meta, ainda encontra resistência na área de serviços, o que resulta em um tom mais cauteloso para gestão da política monetária pelo Banco Central Europeu (BCE) que, na última reunião, manteve os juros inalterados. Espera-se um contexto de crescimento contido, sustentado por políticas fiscais e preservação da estabilidade pelo BCE.

A China, por sua vez, adota uma estratégia de resiliência econômica para compensar o enfraquecimento da demanda interna e a deflação persistente. O governo tem intensificado medidas de estímulos, diante da tensão comercial com os Estados Unidos observada nos últimos meses, fator que trouxe encolhimento industrial em outubro e redução do crescimento do Produto Interno Bruto. A trégua tarifária firmada no fim do mês alivia as tensões, mas o acordo será reavaliado anualmente, mantendo as incertezas. Logo, o plano econômico de Pequim é enfatizar setores estratégicos e tornar-se autossuficiente em tecnologia, envolvendo inteligência artificial e semicondutores.

Além disso, o consumo doméstico é um dos pilares de uma economia mais independente de exportações, com foco na ampliação de proteção social e incentivo aos gastos das famílias. O país continua sendo um eixo fundamental de estabilidade para as cadeias globais, embora a transição para um modelo econômico mais voltado ao mercado interno ainda imponha desafios significativos.

No Brasil, o cenário político foi marcado por disputas orçamentárias e pela busca de equilíbrio entre responsabilidade fiscal e ambições eleitorais. Em momento de tensões com o Congresso, o governo submeteu novamente medidas para recompor receitas via tributação de apostas e fintechs, enquanto amplia gastos com programas sociais e iniciativas de habitação. Além disso, a Lei de Diretrizes Orçamentárias foi adiada novamente, agravando os desequilíbrios orçamentários e percepção de risco fiscal. Contudo, a popularidade do presidente Lula se mantém em trajetória favorável, o que reforça para o próximo ano a perspectiva de ampliação de investimentos públicos e sociais.

A atividade econômica, por sua vez, mostra sinais de moderação, embora permaneça em patamar robusto. De acordo com os dados do IBGE de agosto, o setor industrial ensaiava uma recuperação após meses de contração, enquanto o setor de serviços sentia os efeitos de um consumo mais seletivo, embora mantivesse expectativa positiva. Já o varejo, apoiado por um mercado de trabalho aquecido e média salarial ainda elevada, sustenta relativo nível de atividade, ainda que o crédito caro limite o consumo.

Apesar da trajetória de desinflação no país e da composição dos preços desacelerando mais rápido do que esperado, a situação do mercado de trabalho resiste ao ciclo econômico de juros elevados. A geração de empregos formais permanece sólida, com um aumento no número de vagas, especialmente no setor de serviços. A combinação de desemprego baixo e melhora do poder de compra reforça cautela e exige atenção do Banco Central, que deve conduzir a política monetária de uma forma mais prudente, principalmente em 2026.

IMPRES

Em outubro, as bolsas globais encerraram em alta, juntamente com o recuo dos juros futuros e valorização do dólar em relação às principais moedas. No Brasil, os investimentos acompanharam a direção externa, que também foram beneficiados pela melhora da percepção inflacionária doméstica e pelos resultados corporativos positivos. O Ibovespa apresentou rentabilidade positiva e a curva de juros recuou, beneficiando os benchmarks de renda fixa.